

Um pequeno 'eleitor' no comitê de Lula

São Paulo — Renato Sousa

■ Menino de rua ganha almoço, dinheiro e bola

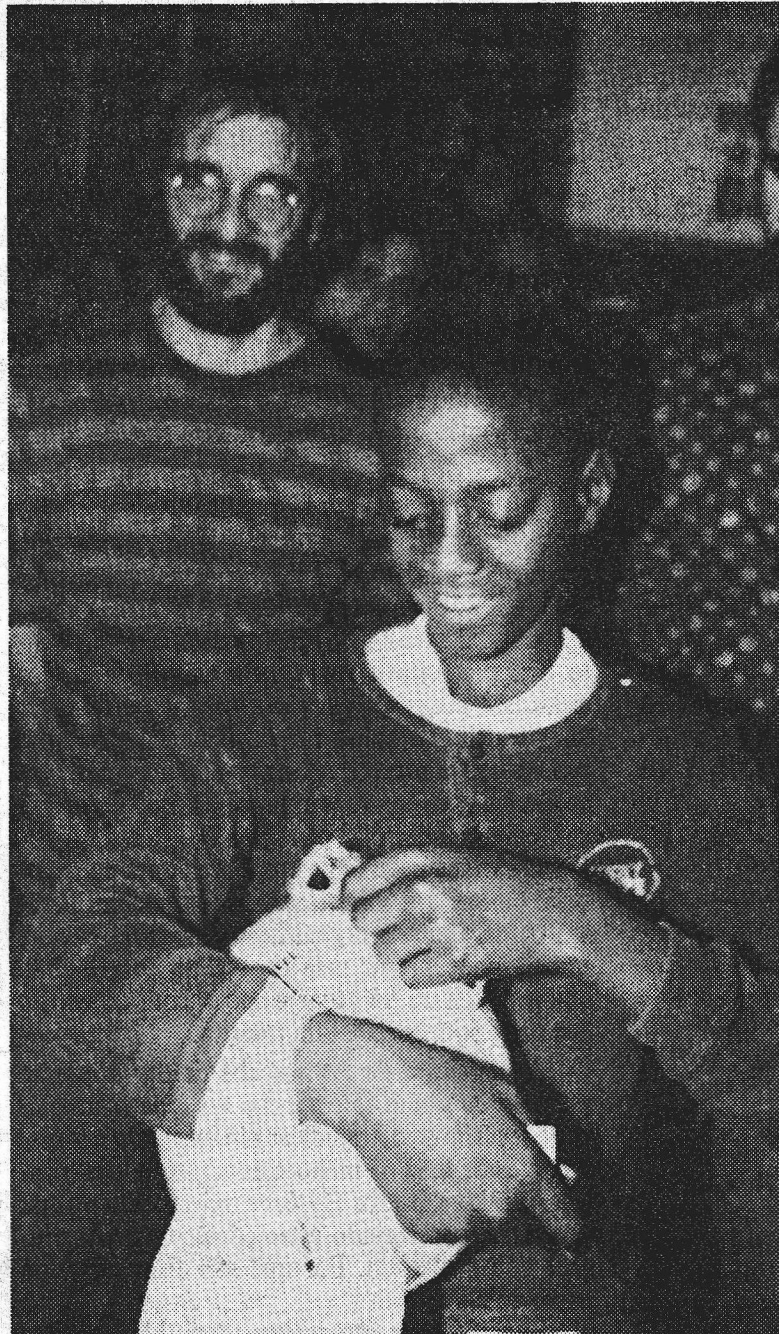
SÃO PAULO — O menino de rua Wagner Ramos do Nascimento, de 12 anos, um dos três menores que acompanharam o candidato do PT a presidente, Luiz Inácio Lula da Silva, à sua casa, em São Bernardo do Campo, no domingo, voltou ontem ao comitê da campanha e almoçou com o líder petista. Ganhou de presente uma bola de futebol de Lula, além de uma caixa de chocolate Bis e R\$ 10 dos seguranças.

Depois do comício no Vale do Anhangabaú, quando Eduardo Ferreira Gomes, de 10 anos, dividiu com mais de 20 artistas a atenção das cem mil pessoas que participaram do evento, ele e os meninos Alessandro e Wagner jantaram na casa de Lula.

Presentes — Depois de provocar o choro de Lula durante o comício do PT, Eduardo pediu para acompanhar o presidencial até sua casa. Acompanhado dos amigos, comeu frango frito, macarrão, polenta, arroz e batatas fritas e bebeu suco de laranja. Os três meninos ganharam de presente roupas e sapatos dos filhos de Lula. À 0h30, eles pediram para voltar à Praça da Sé, onde foram deixados às 2h30. "Lá que é o nosso lugar", explicou Wagner. Ontem, ele andou mais de uma hora para chegar ao comitê. "O Lula disse que se eu quisesse poderia aparecer", contou.

Cansado, ele passou a tarde dormindo em um sofá do comitê. Quando acordou, jogou bola com Lula e disse ter ouvido do candidato que em seu governo haveria empregos para tirar os menores das ruas e seriam criadas casas abertas para abrigar os meninos durante a noite.

Wagner mora com os amigos no Vale do Anhangabaú. Filho da costureira Dalva, não tem pai. Dividia a casa com mais três irmãos, filhos de sua mãe com o primeiro marido, no bairro da Casa Verde.



O menino Wagner no comitê: "Lula disse que eu podia aparecer"

Fugiu de casa depois de brigar com o irmão mais velho, Paulo César, que batia nele.

Escola — Lula conheceu Eduardo e os dois amigos no comício. Eduardo, que mora na favela Puma, no elegante bairro do Morumbi, conseguiu escalar a armação do palco e acabou entrevistado pelo presidencial no encerramento do comício. Ao relatar que tinha "uma mãe doida, um pai alcóolatra, que bebe e me bate, e mais quatro irmãos", é por isso preferia passar a noite na rua,

Eduardo provocou lágrimas em Lula. Questionado se já tinha frequentado a escola, o menino disse ter cursado até a segunda série. "Tinha vontade de voltar a estudar", lamentou.

Longe da família, Eduardo confessou não gostar de viver na rua, porque "a polícia leva para a Fêbem e as pessoas chutam". Mesmo assim, preferia a rua do que voltar para casa. "Você tem medo da rua?", perguntou Lula. "Tenho medo de morrer", disse o garoto, provocando novas lágrimas.

■ Adoradores negam foto de seu líder

CLAUDIA DE SOUZA

Cobrir a campanha do candidato Luiz Inácio Lula da Silva não é tarefa fácil. Cercado pela adoração reverente e inflexível de dezenas de assessores de todas as especialidades, imbuídos do mesmo espírito que cerca os seguranças de Fidel, é tão difícil chegar ao Lula como é difícil chegar ao comandante Castro. Ontem, no comitê em São Paulo, a batalha por uma foto começou por uma negociação com a recepcionista do velho prédio da Barra Funda, que precisa de autorização especial do andar de cima para permitir a entrada de jornalistas. Para se transitar livremente, como fazem dezenas de pessoas sem portaria a dentro, é preciso ser petista de carteirinha.

No andar de cima, depois de uma quebra de protocolo graças ao bom-senso de um senhor Beraldo, outra longa e tensa negociação com o pessoal mais qualificado. A ordem é que não haverá fotos hoje. Lula não quer. Não importa se a pesquisa Vox Populi, pela primeira vez em semanas, aponta crescimento do candidato.

E surge o líder do PT, acompanhado de um menino de rua, vestindo uma camisa branca, charuto aceso na mão esquerda, olhar surpreendentemente calmo e doce: "O JORNAL DO BRASIL já tem muitas fotos minhas bonitas". Ele entra de novo, seguido por três ou quatro assessores muito sérios. Alguém hesita e deixa entrar o fotógrafo que logo em seguida é expulso de novo. "A ordem é sair, não tem foto", alguém diz e a indignação diante da ousadia dos jornalistas é geral e eles são levados dali, seguros pelo braço, num estilo bem ao gosto da segurança de Fidel ou dos tempos do general Figueiredo.